

SOBRE A ESCURIDÃO E O SILÊNCIO DO ANALFABETISMO E OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA ALFABETIZAÇÃO

PITON, Ivania Marini* – UNIPLAC

GT-18: Educação de Pessoas Jovens e Adultas

Cenários e Encaminhamentos da Pesquisa

Vemo-nos frente a uma infinidade de mudanças paradigmáticas que tem posto a todos os setores da sociedade cenários complexos e desafiadores. Complexos por fazer parte da **trama** de relações sociais na qual interagem forças exploratórias e forças emancipadoras, caracterizando intensas lutas que tem como objetivo, desde a luta pela sobrevivência até as mais elaboradas formas de lutas em torno da conquista do poder. E desafiadoras porque as mudanças têm produzido um cenário de ingentes exclusões sociais.

Tais cenários não existem por acaso, foram construídos historicamente, desde o **descobrimento** do Brasil. Nestes quinhentos anos algumas características são mais marcantes, tais como nos aponta Frigotto (1999): a herança cultural senhoril, escravocrata e feudalista, as oligarquias políticas que se revezam no poder, a burguesia arcaica norteada por uma cultura elitista e jogos de influência; tivemos ainda autoritarismos e ditaduras marcando o cenário de exclusão social brasileiro.

É possível observar que as características citadas geraram amplos processos de exclusão social no Brasil. Porém, para analisarmos o contexto social macro precisamos considerar ainda características mais recentes do desenvolvimento da sociedade, que são: a aceleração no desenvolvimento da ciência e da tecnologia que tem alterado os processos de produção, os processos de emancipação social sendo regulados através da legitimação ideológica, a competitividade sendo posta como condição de progresso e desenvolvimento, o poder ideológico (da mídia e até mesmo da escola) desenvolvendo estratégias de culpabilização individual do sucesso e do fracasso e a exclusão e comercialização dos saberes. Isso foi reforçado a partir da década de 1990, quando o cenário social passou a ser conduzido pelo modelo político neoliberal, o qual é o norteador econômico do acelerado processo de globalização em curso.

* Grupo de Pesquisa: NUPEC - Núcleo de Pesquisa e Extensão sobre Educação e Cidadania _ UNICS.

O cenário até aqui apontado tem causando grandes turbulências neste espaço-tempo, nos âmbitos econômico, jurídico-político, ideológico, cultural e educacional.

Cabe ressaltar que no contexto atual as mudanças apontadas têm sido voltadas à lógica do capital, ou seja, as mudanças são implementadas em função da dimensão financeira da globalização. Isso é altamente preocupante em um país como o Brasil que possui características extrativistas frente a muitos dos países desenvolvidos e que não tem uma economia estável, pois, fica vulnerável a especulações financeiras e convive diuturnamente com os problemas referentes às altas taxas de juros, com variação cambial, etc.

A lógica do capital que conduz a sociedade tem trazido muitas inseguranças às populações excluídas e a instituições que se voltam a essas populações. A exclusão tornou-se **natural** e, neste caso as preocupações assistencialistas são as opções mais comuns pela facilidade de implementação e pela função de reprodução social que possuem.

O presente trabalho pesquisou o Programa Educação Não-Formal e Cidadania – Educação de Jovens Adultos e Idosos do Centro Universitário Católico do Sudoeste do Paraná em parceria com a Prefeitura Municipal de Palmas/Pr, buscando analisar os significados (sociais) e sentidos (pessoais) que o processo de alfabetização assume no cotidiano dos sujeitos e na busca individual e coletiva pela cidadania.

O pressuposto inicial é que nos diferentes âmbitos que constituem o cotidiano – família, trabalho, igreja, grupo de amigos, etc., e dentre as múltiplas formas de exclusão social, o analfabetismo se constitui em um dos maiores impeditivos na construção da cidadania. Anula os sujeitos, impedindo-os de se constituírem cidadãos ativos na medida em que dificulta o entendimento e a interpretação da realidade complexa que os cerca. Apesar de sua experiência de vida e de toda a cultura que possuem, a condição do analfabetismo é algo que entrava o acesso a várias instâncias da sociedade, que dificulta o posicionamento enquanto indivíduo e enquanto cidadão, é algo que cega e silencia, pois, a pessoa na condição de analfabeta sente-se insegura num mundo que cada vez exige mais conhecimento e participação para que o indivíduo seja reconhecido como cidadão.

Assim, decidiu-se pela abordagem metodológica de cunho qualitativo, sendo que a pesquisa deu-se em duas etapas: pesquisa documental – análise do programa, dos projetos que o constituem e dos documentos dos núcleos de alfabetização; e pesquisa de campo – através de entrevistas por amostragem em 12 núcleos e 20 turmas de

alfabetização (alguns núcleos possuem mais de uma turma). As amostras foram escolhidas de forma intencional: o aluno mais idoso, o aluno mais jovem e o aluno cuja idade mais se aproxima da média da turma. Assim, foram entrevistados 60 alunos com idade entre 16 e 81 anos.

A pesquisa centro-se nos núcleos de alfabetização de jovens, adultos e idosos do programa e no Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação e Cidadania do Centro Universitário Diocesano do Sudoeste do Paraná, pois cabe a esse Núcleo a administração político-pedagógica do programa, a formação de professores e a sistematização das diferentes atividades desenvolvidas.

O Programa Educação Não-Formal e Cidadania: Caracterização e Análise.

Programa Educação Não-Formal e Cidadania - Educação de Jovens e Adultos e Idosos foi criado em agosto de 2003, resultado de uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Palmas/Pr e o Centro Universitário Diocesano do Sudoeste do Paraná objetivando combater os altos índices de analfabetismo no município. A escolha do programa se deu graças aos significativos índices de alfabetização alcançados em um curto período de tempo, sendo que, de agosto de 2003 a agosto de 2006, dos 31,3%, de analfabetos funcionais apontados nos dados do INEP, foram alfabetizados 23,01%, dos quais 20% concluíram o primeiro segmento do ensino fundamental. A partir de 2005 ocorreu uma ampliação no programa que foi estendido para o segundo segmento do ensino fundamental e, dos 20% que concluíram o primeiro segmento do ensino fundamental, em agosto de 2006, 73% encontravam-se matriculados em uma das etapas do segundo segmento do ensino fundamental.

Os objetivos do programa são: Irradiar para Palmas e Região as idéias, posturas e projetos, que constituem a Educação Não-Formal e as possibilidades de inclusão social decorrentes; Alfabetizar parcela significativa da população de Palmas e região; Desenvolver programas de capacitação para o trabalho de acordo com os anseios e necessidades; Desenvolver projetos voltados à cultura política e a cidadania no âmbito civil, político, social e ambiental; Desencadear debates e reflexões junto à sociedade civil, sensibilizando-a e mobilizando-a em torno das causas sociais postas.

Conforme os documentos do programa, a Prefeitura Municipal assinou a parceria buscando angariar esforços, conjuntamente com instituições e a sociedade civil

organizada em torno do combate ao analfabetismo e aumento do índice de escolaridade. O Centro Universitário diocesano do Sudoeste do Paraná como instituição de cunho comunitário, justifica a realização através da necessidade de articular objetivos externos e internos a ela, e efetivar um processo de re-socialização dos atores institucionais com a sua região de abrangência.

Além da vertente voltada à alfabetização que comporta também o GET Paulo Freire (Grupo de Estudos e Trabalhos Paulo Freire) que faz a formação de professores, o programa agrega mais duas vertentes que se articulam: capacitação para o trabalho, pois, uma pesquisa da Associação Comercial e Industrial e do Fórum de Desenvolvimento Local apontou tal necessidade; e, ainda, uma vertente que desenvolve aspectos relativos à cultura e cidadania voltada à conquista e manutenção dos direitos.

Os documentos apontam muitos desafios a serem superados no enfrentamento de um problema histórico como o analfabetismo e afirmam que isso só será possível através de uma postura pedagógica, política e democrática que se disponha a aprender e a construir novos retratos sociais.

Na fundamentação do Programa está justificado os motivos da opção por trabalhar com os conceitos da Educação Não-Formal. Segundo o documento esta é voltada a inclusão social e como os interlocutores são oriundos das classes menos favorecidas e buscam alfabetização, capacitação para o trabalho e palestras, cursos, encontros, oficinas que desenvolvem atividades voltadas as direitos do cidadão o conceito e as dimensões da Educação Não-Formal são os mais adequados ao Programa.

Analisando a literatura a respeito, observa-se que o conceito de Educação Não-Formal é amplo e está ligado ao conceito de cultura política e de educação social, daí decorre a necessidade do envolvimento do maior número possível de entidades e de pessoas, já que a estratégia de implementação é a conscientização e mobilização do poder público e da sociedade civil organizada.

Na perspectiva da Educação Não-Formal, Gohn (2001) aponta que a educação é abordada enquanto forma de ensino-aprendizagem que se dá na práxis social e é adquirida ao longo da vida dos cidadãos em espaços e contextos diferenciados e/ou alternativos. Designa um processo com quatro dimensões: a) aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos, gera conscientização para compreensão de seus interesses; b) capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; c) aprendizagem e exercício de práticas que capacitem a se organizarem com objetivos

comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos; d) aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, escolar, em formas e espaços diferenciados.

Gohn (2001) afirma ainda que os campos da Educação Não-Formal podem ser agrupados nos seguintes objetivos:

a) alfabetizar ou transmitir conhecimentos abrangendo a área que se convencionou chamar de educação popular (anos 70/80) e educação de jovens e adultos (anos 90);

b) abrange a educação gerada no processo de participação social, em ações coletivas não voltadas para os conteúdos formais.

A Educação Não-Formal acontece em torno de políticas ou propostas de inclusão social (nestes casos através do Terceiro Setor, ONGs, Sindicatos, Fórum, Fundações, Pastorais, Voluntariado, etc.). Ou voltada à melhoria da qualidade de vida da população (propostas educacionais, artísticas, culturais e corporais voltadas para o atendimento de crianças, jovens, adultos e idosos fora do contexto da educação formal, etc.). Ou seja, a Educação Não-Formal se dá principalmente em contextos educativos não escolares, ou escolares, mas, não-formais.

Considerando os objetivos da Educação Não-Formal, é possível observar que o Programa em questão abrange os dois, o primeiro nos núcleos de alfabetização e o segundo com as atividades desenvolvidas a partir dos núcleos voltadas às questões de cultura e cidadania.

Os Sentidos e Significados da Alfabetização

Com base nas principais categorias que surgiram no decorrer da pesquisa, privilegiou-se as respostas que apresentaram mais incidência no que se refere ao pressuposto inicial da pesquisa.

Para isso, é mister analisar os sentidos e significados da alfabetização depois de jovem, adulto ou idoso.

Gohn (2005, p. 31), diz que

Sentido é diretriz, é orientação, é norte, é rumo, destino que conduz a desdobramentos. Antes que produza desdobramentos, ele passa por um processo subjetivo à medida que os atores sociais desvelam o significado das coisas e

fenômenos com que se defrontam. Significado é o conceito de algo, como ele se define e é para os sujeitos que participam das ações coletivas. Os significados são aprendidos e apreendidos, são socializados: são identificados, confirmados e testemunhados por aqueles que se defrontam com o outro.

Ou seja, algo faz sentido quando se relaciona as experiências individuais do sujeito, pois está ligado a conceitos e valores subjetivos. Já o significado está ligado à contextualização das experiências, é a dimensão coletiva. Algo possui significado quando diz respeito à vida dos sujeitos e suas relações com os outros.

Assim, os sentidos e significados da alfabetização de jovens, adultos e idosos são bastante diferentes da alfabetização da criança. É um processo que se dá em um espaço-tempo diferente e por motivos diferentes. Para a criança a educação é obrigatória e, a maioria das crianças só estudam, para os jovens, adultos e idosos, já não é uma obrigação, a maioria volta aos estudos por opção, obviamente motivados ou condicionados por alguma situação individual ou coletiva.

As declarações que seguem nos tópicos **A Escuridão** e **O Silêncio** foram motivados por questões como: Porque você está estudando? O que significa o estudo para você? É importante estudar?

As respostas reforçam uma frase que Paulo Freire sempre pronunciava: *a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda*. Os cidadãos que estão nos núcleos de alfabetização de jovens, adultos e idosos, podem não entender a frase escrita desta forma, alguns podem até nem conhecer algumas letras, mas sabem o que isso significa, porque experienciam isso no cotidiano. A educação escolarizada quando crianças e adolescentes lhes fez muita falta, nem por isso deixaram de viver ou sobreviver, mas sem ela puderam fazer muito menos para si próprio, para os seus e para a própria sociedade.

O processo de exclusão social faz com que a maioria deles se coloque na condição de culpado pela condição de analfabetos com a qual conviveram e/ou convivem. Buscando analisar a importância do estudo para os jovens, adultos e idosos, das respostas dadas nas entrevistas destacou-se aquelas que mais expressam as formas de exclusão da cidadania, mas, como será possível perceber expressam também a perspectiva de vida, os significados e sentidos que existem e também aqueles que o processo de alfabetização desencadeia.

A Escuridão

Dona Alzira, 72 anos, aposentada como cozinheira na escola onde estuda atualmente aponta as formas tomadas pela escuridão:

Eu era cega e não sabia, porque quem não conhece as letras é como um cego. Nem sei como conseguia trabalhar na escola. Mas muitas coisas eu não podia fazer sozinha, tinha que ir um filho ou neto junto no banco e até fazer compras às vezes. Eu tenho um filho que mora fora, quando eu ia visitar ele tinha que ir alguém junto senão eu me perdia, agora não, posso ir sozinha¹.

A cultura popular possui muita sabedoria como é possível observar na resposta acima sobre as formas de escuridão que o analfabetismo pode representar.

Dona Alzira, uma mulher negra, forte e determinada a aprender cada vez mais, trabalhou 30 anos em uma escola, a mesma escola, mas nunca aprendeu a ler.

Apesar de não ser objeto deste estudo, cabe uma reflexão: que escola é essa que, em 30 anos **não enxergou** que a cozinheira não sabia ler? São as múltiplas escuridões da estrutura social que produziu e ainda produz o analfabetismo e que dissimula exclusões sociais grotescas como o exemplo citado.

A primeira frase que pronunciou demonstra a capacidade e a profundidade da cultura popular adquirida no decorrer dos 72 anos de vida, é uma frase que caracteriza a condição que vivia e o que o processo de alfabetização propiciou a ela.

Pode-se dizer o mesmo da declaração de Antonio Carlos, 42 anos, comerciante:

*De todo mundo aqui na sala só eu que desisti de estudar porque não quis mais ir à escola. Os outros estão aqui porque tiveram que ir trabalhar cedo, uns moravam longe da escola ou nem tinha escola. Agora o estudo faz falta. Tenho um mercado, é pequeno, mas dá trabalho, uma vez dava de ir tocando, mas as coisas estão ficando cada vez mais difíceis. É tudo com computador... é difícil. Já vi que vou ter que estudar muito senão a gente fica para trás. Quando parei de estudar meus pais não disseram nada, na época as coisas eram diferentes, eles também não sabiam que um dia ia ser tão importante. Mas agora eu digo para os meus filhos: **estudem, quem estuda enxerga longe e vai longe²**.*

São depoimentos densos de experiências, de conhecimentos adquiridos com a vida, de quem **enxerga longe**, apesar da vida ter-lhe dado acesso a escola somente depois de quatro décadas de existência.

¹ Grifos da autora.

² Grifo da autora.

Dentre os muitos sentidos e significados os que aparecem com maior brilho de esperança nos olhos estão ligados às mudanças pessoais e ao crescimento que cada um observa de si próprio em suas relações com o mundo, como é possível observar na declaração de João Maria, 52 anos, auxiliar de produção:

*Minha família e meus amigos do bairro **viram que eu mudei, todo mundo viu, não precisa mais ninguém ir junto me ajudar no banco, agora além de saber ler sei mexer no caixa eletrônico. Depois que aprendi a ler fiz um curso disso, o professor da faculdade veio aqui na sala e ensinou nós. Todo mundo que fez o curso foi num sábado de tarde no banco que recebe e lá tinha gente para ensinar, todos da faculdade ensinando a gente. Antes se ninguém ia junto eu tinha que pedir para estranho... podia até ser bandido... a gente não conhecia. É uma mudança grande, mas é bom porque não é só eu que vejo isso, todo mundo viu que melhorei***³.

Tanto na declaração anterior, como na próxima declaração, a alegria de estar alfabetizado é mais intensa quando existe por parte de outras pessoas o reconhecimento de ser alguém que sabe ler, é a sensação de pertencimento ao mundo dos alfabetizados, é uma afirmação frente a si próprio e aqueles com quem convive.

*Na última eleição fui votar feliz, não precisei mais sujar o dedão. Escrevi meu nome. Sempre levo meu filho mais novo junto, agora ele tem 11 anos e **ficou vendo eu escrever meu nome. Depois ele disse: a outra vez que a senhora veio votar teve que por o dedão na tinta preta e nem sabia o que fazer com os botões da máquina. É verdade, mas na última eleição foi diferente, porque não foi só isso, isso de escrever o nome foi importante, mas também aqui na sala a gente falou muito sobre votar bem, sobre não vender o voto, a gente foi com a professora lá na faculdade quando veio uns candidatos pra ver o que eles diziam de bom pra nossa cidade, a gente tem que ser curioso, não é só aprender escrever e pronto, é tanta coisa, não precisa saber tudo, mas precisa saber enxergar as coisas mais importantes, votar é coisa importante***⁴. Ivanira, 35 anos, dona de casa.

Como dizia Paulo Freire, 1983, p. 27:

Conhecer não é ato através do qual um sujeito transformado em objeto recebe dócil e passivamente os conteúdos que outro lhe dá ou lhe impõe. O conhecimento pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante, implica em invenção e reinvenção.

³ Grifos da autora.

⁴ Grifos da autora.

A dona de casa Ivanira mostra como a assertiva de Freire se aplica a sua vida, mostra também que sempre é tempo de sair da condição de objeto dócil e passivo e transformar-se em sujeito.

Além do reconhecimento pelo aprendizado e das mudanças que se processam nas pessoas por isso, um dos objetivos que mais mobilizam a busca pelo aprender a ler, é para fazer carteira de motorista, a carteira é importante para o trabalho e é também uma forma de sentir-se incluído, como revela o próximo depoimento:

*Quando você não sabe ler a **gente olha... olha, mas nem sabe onde começa e onde termina, tenta entender as letras, mas se não estudar bastante, não adianta, você olha... olha..., pensa..., pensa... mas tudo é a mesma coisa, não dá de entender.** Agora, depois que aprender bem, vou tirar carteira, eu até podia comprar um carrinho, mas não adianta nada agora. Aqui é longe do centro, tem pouco ônibus, quando chove e é frio a gente sofre, mas a professora disse que já quase dá de tentar a carteira*⁵. Alípio, 29 anos, serrador.

Na resposta abaixo, Nelson, 32 anos peão de fazenda revela uma das grandes problemáticas de quem é analfabeto, o sentir-se menos esperto dos que os demais:

*Eu já sabia dirigir, mas agora tenho que fazer carteira de motorista, mas sem conhecer muito bem as letras e entender bem as palavras não dá pra passar nos testes, antes de vim estudar tentei duas vezes e rodei nas partes de escrever. Sem carteira posso até perder o emprego, não porque o patrão é ruim é que aqui na fazenda a gente precisa mesmo. **Fico vendo os que tem carteira** vão pra cidade, levam gente... **o patrão vê que eles são mais espertos...** e com a carteira acho que vou ganhar mais*⁶.

São muitos os exemplos de como os analfabetos passam pelo sentimento de sentir-se inferior. Irineu, 41 anos, desempregado, coloca a problemática:

*Quando eu era novo minha mãe não queria que eu parasse de estudar, eu não tenho pai, eu começava e desistia, umas 3 vezes desisti, eu não gostava da professora e lá só tinha aquela. Agora preciso estudar por causa do trabalho, minha mulher arrumou emprego logo quando chegamos aqui... eu ainda não arrumei nada. **Eles olham pra gente e vêem que a gente não tem estudo acham que a gente é burro,** a gente não é burro, tem muita coisa que nós sabemos, mas não adianta, em qualquer fábrica hoje precisa estudo, pelo menos um pouco e com diploma*⁷.

E ainda, o exemplo de Valdecir, 51 anos, operador de máquinas.

⁵ Grifos da autora.

⁶ Grifos da autora.

⁷ Grifos da autora.

*Eu estudei uns anos, rodei duas vezes, aprendi pouco naquele tempo, mas também a professora era brava, colocava a gente de castigo. Mas devia ter agüentado, fez falta, agora, depois de ter uma boa idade tive que voltar. A professora não gosta que eu diga isso, mas é verdade, hoje **se você não tem estudo te enxergam como um nada, como quem não tem valor, eles acham que a gente não enxerga que eles pensam isso**. E agora também eu não desisto porque a professora é boa, fala do jeito que a gente entende e a **gente também pode falar o que pensa**⁸.*

Como aponta Ribeiro (2003:10) o termo *analfabeto* significa outras coisas além de não saber ler e escrever; é um qualitativo fortemente estigmatizante que carrega outros sentidos como ignorância, burrice, chaga, cegueira e subdesenvolvimento.

Outra incidência importante nas respostas está relacionada às demais atividades ofertadas pelo programa, pois, a visibilidade e/ou escuridão do analfabetismo é para além das letras e da palavra,

*Aqui a gente aprende a ser cidadão, **vê que tem direitos... vê os deveres também...** mas aqui **vi muita coisa que não sabia**. Muitas coisas eu não sabia por que não sabia ler, muitas coisas que ensinaram aqui até falam na televisão, mas eu não entendia, daí não adianta, hoje é que nem a professora fala tem que ler e entender o que está escrito senão não adianta. Meus filhos sempre queriam que eu ajudasse nas tarefas de casa, mas eu não sabia, agora eles dizem para eu ensinar os netos, **eles viram que agora, pelo menos um pouquinho eu também posso ensinar**⁹. Maria Aparecida, 57 anos, dona de casa.*

Como dizia Paulo Freire (1991), não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.

Importa destacar isso porque são muitas as formas de analfabetismo em nossa sociedade, assim, como afirmava Freire (1996) o movimento para a liberdade, deve surgir e partir dos próprios oprimidos, e a pedagogia decorrente será aquela que tem que ser forjada com ele e não para ele, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Vê-se que não é suficiente que o oprimido tenha consciência crítica da opressão, mas, que se disponha a transformar essa realidade; trata-se de um trabalho de conscientização e politização.

O Silêncio

⁸ Grifos da autora.

⁹ Grifos da autora.

São muitas as conseqüências da história de exclusão social que o modo de produção capitalista expõe os cidadãos, algumas são mais perceptíveis e, por isso mais fáceis de serem descobertas e enfrentadas, outras são veladas, difíceis de descobrir e de superar. O analfabetismo é uma das conseqüências que é velada, pois silencia os que mais sofrem com ele, como é possível observar nos depoimentos que se seguem.

Maria da Luz, 37 anos, faxineira do escritório de uma grande empresa:

*Tinha até medo de contar que eu conhecia bem poucas letras. Pensava que se ele soubesse eu perdia o emprego porque quando fui trabalhar lá pediram se eu sabia ler... eu disse que um pouco sabia sim... mas eu só conhecia as letras do meu nome, eu sabia escrever meu nome. Menti para pegar o emprego senão não tinha conseguido, um mentirinha Deus perdoa. Pior é ficar sem trabalhar. Eles precisam de gente que saiba pelo menos um pouco, lá é cheio de gente importante e sabida. Gente que fala bonito, que fala outras línguas até... imagina... **a gente tem que ficar bem quietinho para não falar besteira.** (...). No emprego que estou agora nunca precisou ler bilhete, lá é cheio de gente, mas lá onde eu trabalhava antes era mais sofrido, **a patroa deixava bilhete com as coisas para comprar, lá também eu não contei que não sabia ler, eu fazia de conta que sabia, daí tinha uma conhecida lá no mercado que lia pra mim e via o que precisava e não me enganava no troco**¹⁰.*

Maria da Luz é moradora de um bairro constituído a partir de um projeto de desfavelamento, ela viveu em barraco por muitos anos. No bairro não tem escola só creche, o núcleo de alfabetização no bairro é em um barracão com precárias condições estruturais, mas Maria não falta aula. É interessante observar como criou estratégias para que não descobrissem a condição de analfabeta, seja uma mentirinha, como diz ela, seja encontrar alguém conhecido que leia para ela, ou falar pouco para que não desconfiem. São estratégias de sobrevivência numa sociedade que exige muito, mesmo daqueles que ela oferece muito pouco ou nada, exige mesmo daqueles que trata como menos cidadãos. Como Maria, Joel, 42 anos, marceneiro, também desenvolveu estratégias próprias de sobrevivência:

*Eu já sabia um pouco, principalmente contas, gosto dos números e tive que aprender porque senão tem gente que quer lograr a gente. Aprendi fazer contas desde pequeno porque ia comprar pra minha mãe, ela dizia que eu era o mais esperto. Antes de eu entrar na escola – foi minha filha que me convenceu, eles todos estão estudando, ela está bem adiantada, na 7ª série – **eu não contava***

¹⁰ Grifos da autora.

pra ninguém que não sabia ler bem, eu sabia fazer contas, daí acho que as pessoas pensavam que eu sabia ler¹¹.

A formação e a prática dos professores merece destaque, deste a postura e atitudes com o jovem, adulto e idoso, até o método de trabalho; muitas respostas apontam à importância disso e dão pistas de que os professores possuem grande responsabilidade no sucesso dos alunos:

Na Igreja eu sempre tinha vontade de falar, mas tinha vergonha, podia falar errado porque eu não sabia ler. Eu decorrei umas partes da Bíblia porque meu marido lia sempre em casa e o pastor na Igreja, daí a gente decorra. Eu sempre lidava mais no trabalho bruto dava de saber pouco e pronto, mas pelo menos preciso saber para ler a Bíblia. E depois a professora é boazinha, ela até usa coisas da Bíblia já para ensinar a ler, dá outras coisas também, mas ela sabe que eu gosto mais de ler a Bíblia e é por isso que venho aqui¹². Arlete, 62 anos, dona de casa.

O depoimento acima demonstra que a formação e a postura dos professores é essencial para a alfabetização. Como dizia Paulo Freire (1996) o educando não é um recipiente vazio, mas um ser que possui conhecimentos, por este motivo, ao educador não cabe a transmissão de conteúdos prontos e a dominação do educando, mas o posicionamento, o compromisso político com as classes populares.

No programa em questão a formação continuada se dá de duas formas; semestralmente com cursos intensivos de 20 ou 40 horas e semanalmente com encontros de 3 horas. O legado de Paulo Freire é o grande condutor da formação, isso fica evidenciado também no próximo depoimento:

Eu vim estudar para ninguém mais me chamar de analfabeto ignorante. Era triste ouvir isso e você saber que era verdade, fazer o que, eu ficava quieto. A primeira coisa que eu quis fazer aqui foi meu nome, agora já sei isso, escrevi ainda quando nem conheci todas as letras, mas quero estudar para arrumar um emprego fixo, senão tem tempo que a gente tem trabalho, outro não tem (...) não tem carteira assinada, férias... não tem nada¹³. Estou aprendendo bem, pensei que ia ser mais difícil, mas é como a professora fala, nós adulto temos experiência, aqui é só gente vivida¹⁴. Edson, 26 anos, trabalhador temporário (trabalha em colheitas que a produção é sazonal – maçã, batata, erva-mate).

A experiência, a vivência de cada um é fundamental na alfabetização, considerar isso e saber usar isso em benefício do aluno é um dos pontos mais importantes no

¹¹ Grifos da autora.

¹² Grifos da autora.

¹³ Grifos da autora.

¹⁴ Grifos da autora.

processo, pois, se por um lado existe uma carga negativa de discriminação e exclusão que o analfabeto possui, existe uma bagagem positiva no que se refere à experiência acumulada na vida e existe desejo de superação. Porém, muitas vezes as pessoas na condição de analfabeto não conseguem expressar isso se não forem valorizados e lembrados da importância da sabedoria que existe na cultura popular, que os conhecimentos adquiridos na prática são igualmente importantes.

Nesse sentido a posição de Valdomiro, 61 anos, aposentado como guarda noturno, dá a dimensão de como isso pode se processar:

*Muita gente fala que quem não sabe ler bem é burro. Pra mim ninguém fala isso, não sou burro e quase não sei ler, escrevo meu nome e pouca coisa mais. Eu me viro, sempre me virei. Se eu tivesse estudado tinha sofrido menos pra criar os filhos e dar estudo pra eles. A gente aprende com a vida, **muita gente porque é analfabeto fica quieto, não participa**, eu não, já fui do conselho da Igreja, sou da associação de bairro, quando tinha os filhos na escola era sempre de uma diretoria. Mas nem todo mundo faz isso. Agora que estou aposentado vou estudar mais, claro que é outra vida você saber ler bem escrever, saber fazer cheque. Mas isso não quer dizer que quem não sabe seja burro. **A professora fala... é bem verdade o que ela fala, que aqui todo mundo tem muita experiência de vida e por isso nós temos coisas que dá até pra ensinar pra muito letrado, tem muito letrado que fala...fala.. mas sabe pouco da vida**¹⁵.*

Como dizem Giroux e McLaren (1993) somente quando conseguimos nomear nossas experiências, dar voz ao próprio mundo e nos firmar como agentes sociais ativos com vontade e propósito é que podemos transformar os significados das experiências.

Amália, 63 anos, empresária apresentou necessidades diferentes da maioria, aprender a ler para ela não é questão de sobrevivência, pela declaração que fez possui uma condição financeira estável, mas outros sentidos e significados a movem:

*Tive que para de estudar cedo, família grande, bastante filhos, tinha que cuidar das crianças e ajudar nos negócios porque meu marido viajava bastante por causa da empresa. Agora meus filhos estão criados, tem faculdade ganham bem, tão tocando o negócio que o pai deixou, tenho orgulho deles. Eu fiz até a quarta série, mas faz tanto tempo que muitas coisas já nem lembro mais, daí voltei fazer a última série para depois entrar no ginásio – nem é mais assim que chama né? Quero fazer curso de informática e até estudar inglês. Quero fazer muitas coisas, mas antes preciso estudar mais senão não dá. **A gente com pouco estudo fala errado, escreve errado e passa vergonha**. Eu não quero mais passar vergonha porque estudei pouco, também não quero que meus filhos tenham vergonha de mim. Quando eu vim pra cá me disseram, mas você não é*

¹⁵ Grifos da autora.

*analfabeta, o que vai fazer lá? Eu respondi que **não adianta saber ler, fazer umas contas, hoje precisa mais, precisa saber falar e entender o que fala***¹⁶.

Com motivos muito diferentes, mas com problemas semelhantes, essas mulheres e esses homens, cidadãos – senão de fato, o são de direito. Porém, são cidadãos que não tinham voz e que agora estão saindo do silêncio, gostam muito de falar e querem ser ouvidos seja lendo a Bíblia, identificando os sinais de trânsito, ensinando a escrever o nome dos filhos e tantos outros temas geradores que os alunos trazem para as aulas e que representam o sentido e o significado de libertar-se da vergonha de não ser alfabetizado.

Como foi possível observar nas respostas das entrevistas e considerando o pensamento de Ribeiro, Vóvio e Mayra (2002) pode-se considerar o analfabetismo funcional como um conceito relativo, pois este varia muito conforme as características e demandas de leitura e escrita colocadas pela sociedade como também, das expectativas educacionais que se sustentam politicamente. Nos países pobres se toma o critério de quatro anos de estudo, na América do Norte e na Europa, tomam-se oito ou nove anos como patamar mínimo para se atingir o alfabetismo funcional.

Os parâmetros, as exigências de um país como o Brasil com grandes desigualdades sócio-econômicas são bastante diferentes, variam principalmente no que se refere à classe social, os depoimentos deixam isso claro, enquanto para alguns a alfabetização é condição de sobrevivência, para outros é para aprender informática, inglês, cursar ensino superior.

Algumas Visões Conclusivas

*A Utopia está no horizonte:
me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.
Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei.
Para que serve então a utopia?
Serve para isso: para caminhar.
(autor desconhecido)*

Mesmo considerando somente os depoimentos citados as causas comuns do analfabetismo estão na negação do direito a educação escolarizada na infância e/ou

¹⁶ Grifos da autora.

adolescência. O que está estritamente ligado aos múltiplos processos de exclusão social a que as maiorias foram submetidas historicamente no Brasil.

A pesquisa aponta a importância da alfabetização para que os sujeitos sintam-se incluídos na sociedade, obviamente é uma inclusão bastante parcial se considerarmos como parâmetro a complexidade da vida contemporânea e as múltiplas formas de inclusão e exclusão que existem atualmente, porém, quem sempre foi alfabetizado não tem como julgar a dimensão, a importância de se aprender a ler aos 16, 28, 72 ou 81 anos de idade.

O que fica evidente e sobre o que é possível emitir juízo de valor é o brilho dos olhos desses sujeitos, um brilho que está ligado a muitos e diferentes motivos/sonhos que vão da recuperação da dignidade a partir do momento que não precisa mais “sujar o dedo para assinar” até a esperança de uma vida mais digna.

Foi citado aqui alguns dos muitos exemplos impregnados de sentidos e significados colhidos no decorrer da pesquisa, alguns muito diferentes, porém, todos refletem de uma ou outra forma as exclusões que o analfabetismo os expôs. As declarações demonstram a forma como são vistos, a avaliação de si próprio, o que vêm – mas não podem, tem medo ou vergonha de falar e o silêncio imposto por uma sociedade que além de excluir emite julgamento sobre a (in)capacidade de quem não tem o domínio da leitura e escrita.

Apesar dos índices alcançados em um curto período de tempo, os números indicam ainda um contingente populacional significativo sem acesso à escolarização; é mister estar cômnicos de que esse é um processo longo e árduo. Mas, considerando o pressuposto da pesquisa, as conclusões indicam que as bases para que os sujeitos pesquisados sintam-se mais incluídos nos parâmetros da cidadania está em construção, pois, o programa analisado transcende os limites do costumeiro ensinar a ler e escrever e busca avançar para a formulação de uma visão de mundo emancipatória e não conformista.

Tal visão parece utópica? E as ideologias que afirmam que **é preciso ser realista**, que dizem que pedagogias emancipatórias não são possíveis graças à herança genética, por exemplo. Justificativas como as criticadas por Apple (1996), de que em vez disso precisamos preparar esses estudantes para vidas **inferiores**¹⁷, que

¹⁷ Grifos do Autor.

provavelmente eles levarão e serão assim mais felizes, os professores menos frustrados e as sociedades mais estáveis.

Todavia, como o autor, não pode-se aceitar esses argumentos, a luta por uma educação democrática, para todos e emancipatória deve continuar.

Mas importa afirmar que as possíveis alternativas passam por um problema moral, político e social de urgente solução que, por sua vez, passa por um sistema democrático que considere as maiorias excluídas, que lute com as maiorias por uma outra centralidade na lógica que rege o mundo. Que tire a centralidade do capital e coloque no centro das preocupações os seres humanos.

Isso é utópico? Como dizia Paulo Freire (1996): Não, não é utopia. É aposta no ser humano.

Bibliografia

- APPLE, Michael. Justificando o Neoliberalismo. In: Silva, Azevedo e Santos (orgs). *Reestruturação Curricular*. Porto Alegre: Sulina, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 6ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- _____. *Pedagogia da Autonomia*. 28 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Educação na Cidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- _____. *A Importância do Ato de Ler*. São Paulo, Cortez Editora, 1992.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *A Produtividade da Escola Improdutiva*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.
- GIROUX, Henri & MCLAREN, Peter. Linguagem, Escola e Subjetividade. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre v.18, n2, jul/dez, 1993.
- GOHN, Maria da Glória. *Educação Não-Formal e Cultura Política*. Cortez, 2001.
- RIBEIRO, Vera Mazagão, VÓVIO, Claudia Lemos, MAYRA, Patrícia Moura. Letramento no Brasil: Alguns Resultados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional. *Revista Educação e Sociedade*. v. 23 n.81 Campinas dez. 2002.
- RIBEIRO, Vera Masagão (org). Letramento no Brasil. São Paulo, Global, 2003.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- www.ipardes.pr.gov.br
- www.inep.gov.br